

O Contexto das Brincadeiras das Crianças Ribeirinhas da Ilha do Combu

The Context of Riverine Children Plays on Combu Island

Sônia Regina dos Santos Teixeira* & José Moysés Alves

Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil

Resumo

O presente estudo descreve o contexto das brincadeiras de pré-escolares da Ilha do Combu, em Belém-Pará, destacando aspectos do ambiente físico e social, as principais atividades dos adultos e peculiaridades das brincadeiras. Participaram da pesquisa treze crianças de uma turma de educação infantil, onze meninos e duas meninas, entre quatro e cinco anos de idade. As crianças e seus familiares foram entrevistados. As crianças foram observadas brincando em suas casas. Foram analisados os temas, os parceiros, os locais, os objetos e os significados produzidos nas brincadeiras. Apesar de estarem em contato com o contexto urbano, as crianças mostraram-se vinculadas, principalmente, ao contexto ribeirinho.

Palavras-chave: Pré-escolares; ribeirinhos; faz-de-conta.

Abstract

This study describes the context of plays among preschoolers on Combu Island, near Belém, PA, focusing on aspects of physical and social environment as well as the main activities of adults and the peculiarities of the make-believe play. Thirteen children (11 boys and 2 girls,) aged between four and five years old participated in the research. The children and their relatives were interviewed, and the group was observed while playing at their homes. The play was analyzed with reference to the themes, their peer group, the location, the objects involved, and the implicit meaning in each activity. Although the children were in close contact with an urban setting, they showed a strong affinity with their riverine environment.

Keywords: Preschoolers; river dwellers; make-believe play.

Até recentemente, as teorias psicológicas sobre a infância caracterizaram-se pela presença de modelos generalizados e abstratos de criança. Conseqüentemente, os estudos empíricos derivados dessas teorias focalizaram as atividades infantis desvinculadas de seus contextos culturais¹. Nas últimas décadas, em virtude das críticas ao modelo de criança ideal, descontextualizada, advindas da própria Psicologia (ex. Rogoff, 1993; Valsiner, 1997, 2000) e de outras ciências humanas, como a Antropologia (ex. James & Prout, 1997, Silva & Nunes, 2002) e a Sociologia (ex. Corsaro, 1997, Dahlberg, Moss, & Pence, 2003; Moss, 2002), desenvolveu-se uma nova forma de conceber e produzir conhecimentos sobre a infância.

Essa nova concepção situa a discussão sobre a infância na interface entre vários campos científicos e considera a criança como co-constructora de conhecimento, identidade e cultura. Interessa a essa nova concepção revelar os dife-

rentes modos de desenvolvimento das diversas crianças, conforme os ambientes diferenciados, em interação com os quais elas se constituem enquanto sujeitos.

No Brasil, apesar da emergência de pesquisas psicológicas sobre a atividade de brincar apoiadas nessa nova concepção de infância (ex. Carvalho & Pedrosa, 2002; Carvalho & Pontes, 2003; Carvalho & Rubiano, 2004; Coelho & Pedrosa, 1995; Conti & Sperb, 2001; Góes, 2000a, 2000b, 2000c, 2002; Moraes & Carvalho, 1994; Oliveira, 1988; Pontes & Magalhães, 2003; Rocha, 1994, 1997, 2000), constata-se que a maioria desses estudos foi realizada em áreas urbanas de grandes cidades do país. Ainda são poucos os trabalhos desenvolvidos em outros contextos, como comunidades indígenas, negras e ribeirinhas (ex. Bichara, 1999, 2003; Gosso & Otta, 2003).

Neste sentido, o presente artigo pretende contribuir com os interessados nos estudos sobre a infância, descrevendo

*Endereço para correspondência: Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação - ICED, Rua Augusto Correa, 1, Guamá, Belém, PA, 66075-110. Tel.: (91) 3201 7278. E-mails: soniaregina.st@uol.com.br e jmalves@amazon.com.br

¹ Neste trabalho, entendemos contexto cultural na perspectiva de Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004) que afirmam que os contextos "... são constituídos pelo ambiente físico e social, pela sua estrutura organizacional e econômica, sendo

guiados por funções, regras, rotinas e horários específicos. Eles definem e são definidos pelo número e características das pessoas que os frequentam, sendo ainda marcados pela articulação da história geral e local, entrelaçadas com os objetivos atuais, com os sistemas de valores, as concepções e as crenças prevalentes. São, também, definidos por e definem os papéis sociais e as formas de coordenação de papéis/posicionamentos, contribuindo para a construção das relações profissionais, pessoais, afetivas e de poder entre os seus participantes." (p. 26).

uma realidade ainda pouco conhecida: a realidade da criança ribeirinha amazônica. O estudo analisa as brincadeiras das crianças da Ilha do Combu, localizada no município de Belém, estado do Pará.

Loureiro (2000) destaca a especificidade do modo de vida ribeirinho, afirmando que a Amazônia apresenta dois grandes espaços culturais: o espaço da cultura urbana e o da cultura rural. A cultura urbana está expressa nos modos de vida das cidades de médio porte e das capitais. Nestas, as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, os equipamentos culturais são em maior número e mais estruturados, as mudanças ocorrem muito mais rapidamente. A cultura rural, caracterizada pela profunda relação do homem com a natureza e pela transmissão oral, manifesta-se nos modos de vida típicos do que se convencionou chamar de “interior”, principalmente, no universo ribeirinho. Esse universo constitui, segundo este autor, a expressão mais tradicional e a que melhor retrata e conserva os valores da história cultural da Amazônia.

Harris (2000) também reconhece as peculiaridades do modo de vida ribeirinho da Amazônia. Nessa categoria inclui os sujeitos que constroem um modo de vida integrado pela agricultura e extrativismo vegetal ou animal, vivendo em função da floresta e dos rios. O rio ao mesmo tempo cria vínculos e isolamentos entre as pessoas dessas populações.

A presença constante da mata e dos rios, o vai e vem das marés, o distanciamento dos vizinhos, constituem aspectos do cenário onde a comunidade da Ilha do Combu desenvolve um modo de vida típico da cultura amazônica ribeirinha. Outra peculiaridade deste contexto é a sua proximidade com a capital.

Segundo Valsiner (1997, 2000), a cultura constitui um sistema de significados compartilhados pelos membros de um determinado grupo social. Para o autor, a cultura é um aspecto importante da constituição do sujeito e não apenas um aspecto externo que exerce influência sobre ele. A relação indivíduo-cultura é bidirecional. Ao mesmo tempo em que o sujeito é constituído socialmente pela cultura coletiva, ele desenvolve um sistema de significados pessoais, que constituem sua cultura pessoal.

De acordo com Brougère (2000), na maioria dos estudos sobre o brincar produzidos no âmbito da Psicologia, essa atividade foi compreendida como uma manifestação livre da subjetividade infantil, desvinculada do contexto sócio-cultural da criança. O brincar, indubitavelmente um espaço importante de produção e enriquecimento da cultura, foi pensado fora dela, como resultado da dinâmica interna do indivíduo.

Uma concepção de brincadeira, que foge a essa tradição, pode ser encontrada nos estudos desenvolvidos pelos teóricos soviéticos, de orientação marxista, principalmente nos trabalhos de Vygotsky (1994), produzidos na década de 30, do século passado.

Vygotsky (1994) foi um dos pioneiros a considerar o brincar como uma atividade social humana, histórica e culturalmente situada. Ressaltou a importância das brincadeiras de faz-de-conta para o desenvolvimento da simbo-

lização, por possibilitar o surgimento de uma nova relação entre o campo do significado e o da percepção.

O contexto perceptual, praticamente, determina as ações das crianças pequenas, menores de três anos. De forma diferente, as crianças pré-escolares começam a agir de modos que vão além das condições disponibilizadas em seu contexto social imediato. Elas já não esquecem facilmente os desejos que não podem realizar no momento e por isso se envolvem em situações imaginárias (Vygotsky, 1994).

Segundo Vygotsky (1994), a brincadeira de faz-de-conta comporta um duplo paradoxo. O primeiro, é que a criança ao compor uma situação imaginária, se apóia na realidade, e, ao mesmo tempo, se emancipa das restrições situacionais. Ela opera com os objetos disponíveis, mas transforma seus significados habituais de acordo com suas necessidades. O segundo paradoxo, é que para obter o prazer na brincadeira, ela precisa se subordinar às regras da própria brincadeira de faz-de-conta e, por conseguinte, agir contra o impulso imediato. Esse processo tem implicações importantes para a constituição da subjetividade infantil, particularmente, no que se refere ao desenvolvimento do pensamento abstrato e da ação voluntária.

As ações da criança nas brincadeiras são circunscritas, continuamente, tanto por elementos de sua cultura coletiva, quanto por elementos de sua cultura pessoal (Valsiner, 1997, 2000). Desse modo, ao brincar a criança imita os papéis sociais presentes nas atividades de seu grupo cultural, mas, ao mesmo tempo, os reinterpreta de acordo com os significados pessoais por ela atribuídos às suas ações. Tanto os significados coletivos quanto os significados pessoais vão sendo, continuamente, reconstruídos e redefinidos. Neste sentido, a compreensão dos textos criados pelas crianças em suas brincadeiras requer a elucidação do contexto cultural onde eles são produzidos.

Face ao exposto, o presente estudo objetiva descrever o contexto das brincadeiras das crianças pré-escolares da Ilha do Combu, destacando aspectos do ambiente físico e social, as principais atividades econômicas dos adultos e peculiaridades das brincadeiras de faz-de-conta das crianças ribeirinhas.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 13 crianças, sendo 11 meninas e dois meninos, com idades variando de 4 a 5 anos, que freqüentavam, no ano de 2003, a turma de Educação Infantil, do Anexo da Escola Municipal Sílvio Nascimento, na Ilha do Combu. Participaram indiretamente mais 18 crianças, que no momento das observações brincavam com as crianças-alvo. Também foram entrevistados 13 adultos, responsáveis pelas crianças-alvo, sendo 10 mães, uma avó e duas tias.

Procedimento de Coleta das Informações

A coleta de informações foi realizada nos meses de junho e julho de 2003. Estes meses estão entre os que cho-

vem menos na região amazônica, o que facilita encontrar crianças brincando fora de suas casas. Foram realizadas observações das brincadeiras e entrevistas com as crianças e seus responsáveis.

As informações para a caracterização do contexto físico e social foram obtidas a partir de consultas a documentos publicados pela Prefeitura Municipal de Belém (2000, 2001), do estudo desenvolvido por Freire (2002) e da realização de entrevistas com os responsáveis pelas crianças. Nos documentos oficiais, foram levantadas informações relacionadas aos aspectos físicos e à população da Ilha. O trabalho de Freire (2002) forneceu elementos com relação aos aspectos da cultura, tais como educação, saúde, trabalho e religião. Essas informações foram complementadas e ampliadas com as obtidas em entrevistas com os responsáveis pelas crianças-alvo do presente estudo. A entrevista cobriu os seguintes aspectos: tipos de habitação, origem e constituição das famílias, renda familiar, relação com a vizinhança, escolaridade dos pais, religião e lazer.

As informações sobre as atividades econômicas desenvolvidas pelos adultos da comunidade foram obtidas por meio das entrevistas com os responsáveis pelas crianças-alvo. Nestas entrevistas foram identificados elementos para descrever as principais ocupações dos pais. Esta caracterização foi complementada com informações obtidas nos estudos de Freire (2002) e Rogez (2000) sobre as principais atividades econômicas dos moradores da Ilha do Combu.

A caracterização das crianças foi elaborada a partir das informações extraídas das entrevistas com os responsáveis e com as próprias crianças. Nestas entrevistas foram coletados elementos caracterizadores da cultura das crianças-alvo, incluindo histórias, músicas e brincadeiras, bem como a participação destas crianças nas atividades desenvolvidas pelos adultos no trabalho, em casa, no lazer e nas atividades religiosas.

Cada uma das 13 crianças foi visitada uma vez em sua casa por um período de aproximadamente três horas. As visitas foram sempre realizadas no período vespertino. Primeiramente, as crianças e seus familiares foram entrevistados. Estas entrevistas duravam, no total, cerca de uma hora e foram gravadas em fitas-cassete. Depois disso, as crianças foram observadas em seus grupos de brinquedos, por aproximadamente duas horas, em diversos ambientes de suas residências. Para esta finalidade foi utilizado o registro cursivo de comportamentos e algumas cenas destas brincadeiras foram fotografadas. Nos episódios de faz de conta, além disso, os diálogos das crianças foram gravados em fitas-cassete. Cada episódio de brincadeira foi definido pela mudança do tema.

As informações obtidas nas observações foram organizadas em categorias de acordo com os temas, os parceiros, os locais, os objetos utilizados para brincar e os significados construídos durante as brincadeiras. Na análise dos temas dos episódios de faz-de-conta foi utilizada a categorização elaborada por Moraes e Carvalho (1994), que inclui: aventura, jogos, transportes, profissões, animais, atividades domésticas, construção e outros. Na caracterização dos par-

ceiros, foram considerados o sexo, a idade e o vínculo com a criança-alvo (irmão, parente, amigo). Em relação aos locais, foi verificado se a brincadeira realizou-se dentro ou fora de casa (no terreiro, no rio, nas embarcações e na mata). Os materiais usados nas brincadeiras foram categorizados como naturais (de origem animal, vegetal ou mineral) e artificiais (objetos de uso doméstico, sucatas e brinquedos industrializados). E, por último, o processo de construção e compartilhamento de significados foi analisado considerando-se a situação imaginária, as regras de comportamento implícitas compartilhadas pelos parceiros e a transformação do significado usual de objetos (Vygotsky, 1994). Descreveu-se os cursos de ações propostas por um parceiro ao(s) outro(s) (Zona de ação proposta) dentro das possibilidades de ação dadas em um momento (Zona de livre movimento). Caracterizou-se zonas de desenvolvimento proximal entre os parceiros nas quais foram identificadas mudanças microgenéticas em seus conhecimentos e valores (Valsiner, 2000).

Resultados e Discussão

Descrição do Contexto Físico e Social

A Ilha do Combu localiza-se às margens do rio Guamá, na porção sul do município de Belém, a uma distância de 1,5 km da zona urbana da cidade. Com uma área de 15 Km², constitui-se na quarta maior ilha do município.

Nesse espaço tipicamente amazônico, caracterizado pela presença de vegetação de várzea, por furos, igarapés e paranás, vivem cerca de 375 famílias (Prefeitura Municipal de Belém, 2001) ou aproximadamente 1.700 moradores, que se concentram em quatro pequenas comunidades: Igarapé do Combu, Igarapé do Piriquiretaquara, Furo da Paciência e Beira do Rio Guamá.

O rio Guamá apresenta movimento diário de marés e períodos de enchentes e vazantes. É um elemento catalisador das atividades cotidianas da Ilha. Os ilhéus extraem das matas os recursos para a sua subsistência, principalmente o açaí. Estes fatos permitem incluir a população da Ilha do Combu no modo de vida denominado de ribeirinho da Amazônia (Harris, 2000; Loureiro, 2000). Neste modo de vida, espaço e tempo diferenciam-se do tipo de vida das cidades de médio porte e das capitais. No entanto, para uma parte da população, o trânsito nessa dupla realidade constitui uma rotina diária. A travessia à capital é necessária para vender os recursos extraídos, efetuar compras, freqüentar aulas ou realizar pequenos serviços, o que concorre para a construção de um modo de vida bastante peculiar.

Embora não se tenha um registro exato sobre o início da ocupação da Ilha, Freire (2002) afirma que a partir de relatos de antigos moradores é possível inferir que isso tenha ocorrido ainda na segunda metade do século XIX. Ancora da nesses relatos, a autora destaca mudanças importantes processadas ao longo da história da Ilha, culminando com uma realidade sócio-cultural marcada pelo contraste entre as riquezas naturais e a situação de pobreza social em que se encontra a maioria da população local.

Das 13 crianças participantes deste estudo, 10 residiam na comunidade denominada Beira do Rio e duas na comunidade do Igarapé do Combu. Nove crianças viviam na companhia de seus pais e irmãos, uma somente com seus pais e duas com tios e avós.

Todas as moradias eram casas com paredes e assoalhos de madeira, cobertas com telhas de barro ou amianto. A Ilha não possui energia elétrica e nem sistema de tratamento de água. Em seis residências a ausência de energia era compensada com o uso de motores geradores, nas demais se utilizavam lamparinas. A água potável era obtida em uma torneira pública, localizada no Porto da Palha, em Belém, e transportada em baldes e embalagens plásticas até a comunidade.

Nas casas das famílias pesquisadas, os eletrodomésticos existiam em pequeno número, sendo o mais comum o rádio a pilha ou aparelho de som, presente em oito das 13 residências, o fogão a gás, em sete casas e os aparelhos de televisão, que funcionavam movidos à energia ou bateria foram encontrados em seis residências. Nas casas que possuíam geradores, constatamos ainda a presença de outros eletrodomésticos, tais como, liquidificador, refrigerador e ferro elétrico. Quatro famílias afirmaram não possuir nenhum tipo de aparelho eletrodoméstico.

Sete dos adultos entrevistados afirmaram ter nascido na Ilha. Outros seis vieram de municípios vizinhos, como Igarapé-Miri, Muaná, Moju, São Miguel do Guamá e Tomé-Açu e viviam no local há pelo menos cinco anos. Dez frequentaram a escola até a quarta série do ensino fundamental, um afirmou estar cursando a 6ª. série do ensino fundamental e um outro a primeira série do ensino médio. Nove famílias viviam com uma renda mensal de menos de um salário mínimo e quatro com uma renda na faixa de um salário mínimo.

O isolamento geográfico a que estão submetidos os ilhéus somado a grande extensão territorial da Ilha dificultam a relação entre as pessoas da comunidade. Das famílias entrevistadas, apenas quatro declararam estabelecer relações de vizinhança, as demais afirmaram não ter vizinhos. Alguns moradores também disseram possuir parentes e amigos na Ilha, mas as visitas eram raras devido à dificuldade de acesso e transporte.

A religião cristã está presente no cotidiano das famílias pesquisadas. Das treze famílias, doze declararam-se cristãs, sendo sete protestantes e cinco católicas. Uma declarou não ter religião. Em oito casas registramos a presença da Bíblia Sagrada e nos depoimentos foram recorrentes as referências à fé cristã.

Em termos de infra-estrutura, a comunidade não possui espaços destinados especificamente ao lazer. Na Ilha funcionam dois restaurantes que constituem local de entretenimento para os moradores de Belém e turistas. Ambos possuem amplas áreas de lazer e veiculam mensagens na mídia, mostrando as atrações da Ilha. Os moradores, no entanto, não desfrutavam desses ambientes. Os jogos de futebol no campinho localizado próximo ao antigo prédio do centro comunitário, o banho de rio, os passeios de barco ou canoas, as festas com aparelhagens sonoras são as princi-

pais formas de lazer dos moradores. Também não existem áreas destinadas ao lazer das crianças. Assim, excetuando as festas, elas participam de todas as atividades de lazer da comunidade, juntamente com seus pais e demais familiares.

Atividades Econômicas dos Adultos

A dinâmica do trabalho dos ribeirinhos da Ilha do Combu, da mesma forma que a maioria das comunidades rurais da Amazônia, é marcada pela estreita relação do homem com a natureza, especialmente com o rio e a floresta.

As águas constituem os espaços da pesca, especialmente do camarão. Possibilitam também outras atividades geradoras de renda, como o transporte de produtos para Belém e vice-versa e a realização de pequenas vendas, desenvolvidas em Belém ou na própria Ilha.

Da floresta, os ilhéus extraem o açaí, principal atividade econômica dos moradores da Ilha. Extraem também o cacau, outra importante cultura nativa, o cupuaçu, o buriti ou miriti, o ingá, o taperebá, a manga e o caju.

O freqüente e variado consumo do açaí no Pará na forma de “vinho”, sucos, bombons, picolés e sorvetes e o aproveitamento do tronco dos açazeiros na indústria de palmito valorizam economicamente o produto e possibilitam uma renda mínima para as famílias da Ilha. O cultivo dos açazeiros, vegetação mais característica do local, é uma atividade que envolve praticamente todos os membros da família e que tem importantes desdobramentos na configuração de diversas práticas culturais.

De acordo com Rogez (2000), a cultura do açaí compreende dois períodos distintos. O período de safra, compreendido entre os meses de junho e novembro, época com menor intensidade de chuvas na região e o período de entressafra, que ocorre nos meses mais chuvosos, entre dezembro e maio. Nos meses de safra, predomina o processo de extração e comercialização do fruto. Na entressafra, o açaí colhido é utilizado basicamente para o consumo das famílias, que aproveitam esse período para a extração do palmito a ser vendido para fábricas de beneficiamento em Belém e para a realização do desbaste das touças das palmeiras e remoção de árvores velhas.

O extrativismo do açaí era a principal fonte de renda de dez das treze famílias pesquisadas. De acordo com os relatos obtidos, cada família colhia a cada dois dias de uma a duas rasas² de açaí, variando o valor da rasa entre R\$ 10,00 e R\$ 15,00. No período de safra, uma família chegava a colher até duas rasas por dia.

Três dos adultos responsáveis pelo sustento das crianças afirmaram trabalhar em Belém desempenhando pequenos ofícios, como ajudante de pedreiro, serviços gerais ou vendedor ambulante.

Em todas as famílias pesquisadas, o homem era o principal provedor dos recursos materiais para o sustento do

² Rasa é a medida padrão utilizada na comercialização do açaí. Trata-se de um paneiro, contendo o equivalente a 40 litros do fruto.

lar, mas as mulheres também tinham uma participação importante tanto no extrativismo do açaí como na pesca do camarão. Estas, no entanto, tinham como ocupação principal o cuidado com a casa e as crianças.

A Criança Ribeirinha da Ilha do Combu

As atividades das crianças ribeirinha da Ilha do Combu estão profundamente relacionadas com aquelas desenvolvidas pelos adultos, especialmente, por seus pais. Elas participam de todos os momentos da vida da comunidade, no trabalho, em casa, no lazer e nas atividades religiosas.

No caso da colheita do açaí, raramente as crianças são autorizadas a acompanhar os adultos nas idas aos açazais. Eles temem pela presença de animais da floresta, principalmente, de insetos, pela exposição das crianças ao sol e à chuva e pela viagem de ida e vinda. A participação das crianças nessa atividade limita-se à seleção dos frutos. Sentadas de cócoras, elas ajudam os adultos a escolher os frutos bons e eliminar os rejeitos, tarefa que é realizada, geralmente, com muita alegria.

A importância dessa atividade na vida das crianças pode ser comprovada em seus fazeres e dizeres cotidianos. A “rasa” a “vassoura”, a “barquinha” e os grãos de açaí, por exemplo, revelaram-se como elementos bastante significativos para elas. Para esclarecer o leitor, vassoura é a denominação dada pelos amazônidas ao cacho filamentososo do açazeiro, que após a retirada dos frutos, transforma-se em algo similar a uma vassoura e barquinha é o nome dado à espádice, parte do açazeiro que protege o cacho até o amadurecimento dos frutos e cuja forma lembra uma canoa.

Com a pesca ocorre algo similar. Apesar de não participarem diretamente, demonstram grande interesse pelos resultados das pescarias. Interessam-se, particularmente pela confecção e manutenção dos instrumentos de pesca e pelos desdobramentos das técnicas de pescar que são utilizadas pelos adultos da comunidade.

As embarcações, principal meio de transporte de pessoas e produtos na Ilha, também despertam o interesse das crianças. Além de pilotarem os “cascos”, nome dados pelos amazônidas a uma espécie de canoa sem banco, feita de uma só peça de madeira e remarem nas canoas, as crianças preocupam-se também com a manutenção das embarcações, acompanhando seus pais na realização de pequenos consertos e aguardando com ansiedade a conclusão das embarcações que estão sendo construídas em seus terreiros.

A casa constitui o principal espaço de convivência para as crianças. Excetuando o compromisso com a escola, a participação nas cerimônias religiosas e o acompanhamento em algumas atividades diárias de seus pais, a criança da Ilha passa a maior parte de seu tempo brincando. Brinca de faz-de-conta, corre nos terreiros e nas pontes, sobe em árvores, empina papagaio, nada no rio ou igarapé, passeia de canoa, joga bola.

Outra opção de lazer e entretenimento para adultos e crianças da Ilha são as viagens à Belém. Todas as 13 crianças afirmaram conhecer a cidade e 10 costumavam efetuar a viagem freqüentemente com seus pais, para fazer com-

pras. Na cidade, gostavam de passear nas praças e nas lojas para comprar brinquedos e guloseimas. Cinco crianças afirmaram ter tido a experiência de visitar um shopping center e gostaram muito de tomar sorvete e ver as vitrines com muitas roupas e brinquedos expostos.

As histórias e músicas infantis também povoam o universo da criança ribeirinha da Ilha do Combu, mas com uma freqüência bem menor que as brincadeiras. Apenas cinco crianças disseram conhecer ao menos uma história de conto de fada e dez declararam não possuir livros ou revistinhas infantis. Das 13, apenas quatro costumavam ouvir histórias contadas por seus familiares. Duas tinham como narradoras as tias, uma a mãe e, uma última criança ouvia as histórias lidas pela irmã, que cursava a 2ª. série do Ensino Fundamental.

Todas as crianças afirmaram gostar muito de música, principalmente de brinquedos cantados e canções de roda, mas ao serem inquiridas sobre as que conheciam, o repertório mostrou-se limitado. Das onze crianças que disseram saber cantar alguma música, apenas uma conhecia mais de uma canção infantil. Uma criança respondeu que conhecia apenas músicas denominadas bregas, gênero musical regional, caracterizado por letras populares e ritmo dançante, bastante veiculado pela indústria cultural local, principalmente pelas rádios. Outra criança conhecia apenas hinos religiosos.

A religião cristã exerce papel importante no cotidiano das crianças ribeirinhas do Combu, que costumam acompanhar os pais nas cerimônias religiosas. Tanto as crianças protestantes quanto as católicas afirmaram conhecer histórias bíblicas e cânticos religiosos.

As Brincadeiras das Crianças da Ilha do Combu

As brincadeiras observadas com mais freqüência foram as de faz-de-conta ou jogo de papéis, seguidas de outros tipos de brincadeiras, como nadar no rio, empinar pipa ou papagaio e jogar bola. Subir em árvores, correr nos terreiros e nas pontes, procurar objetos nas matas, passear de canoa também eram brincadeiras comuns entre as crianças da Ilha.

Foram registrados 46 episódios de brincadeiras, sendo que 21 destes episódios foram caracterizados como brincadeira de faz-de-conta. Oito das 13 crianças se envolveram em mais de um episódio de faz de conta. Apenas uma das crianças observadas não se envolveu nessa modalidade de brincadeira.

Os temas das brincadeiras demonstram uma forte relação do faz-de-conta das crianças com as atividades cotidianas dos adultos da ilha. O tema mais freqüente foi o das atividades domésticas. Em sete dos 21 episódios, o tema das brincadeiras estava relacionado, de alguma forma, com essas atividades, como as brincadeiras de mamãe-filhinho, fazer comidinhas, lavar louças ou levar a criança ao médico. Nessas brincadeiras podem ser percebidas peculiaridades da cultura local atuando na composição dos episódios. Nas brincadeiras de lavar louças, por exemplo, as crianças apanhavam água no rio ou levavam os objetos que representavam as louças para serem lavadas diretamente no rio.

Em duas situações observadas em que as crianças brincavam de médico, elas faziam de conta que estavam se dirigindo ao posto de atendimento do Projeto Família Saudável, que se localiza próximo à escola. Ao levar seus filhos ao médico, as duas crianças que faziam o papel de mãe, passavam antes pela escola para ver seus outros filhos, comportamento habitual de algumas mães da comunidade.

Outro tema freqüente foi o das profissões, estando presente em quatro episódios. Em dois foram observadas crianças fazendo o papel de coletor de açai, ajudante de coletor e vendedor. Outras profissões que apareceram nas brincadeiras foram as de pescador e de barqueiro. No episódio em que brincavam de pescar, uma menina mais nova, utilizando um galho de árvore, brincava de pescar peixe, enquanto a mais velha ocupava-se em procurar um brinquedo escondido que representava um matapi³ para pescar camarão. A figura do barqueiro, profissão freqüente na Ilha, também esteve presente como tema de um episódio de faz-de-conta. Na situação observada, uma menina de 4 anos, brincava com um irmão mais velho e outro mais novo na beira do rio Guamá. Os três embarcaram numa canoa, que na brincadeira representava um barco. O menino mais velho disse que seria o barqueiro e os irmãos seriam os passageiros.

O transporte foi outro tema freqüente nas brincadeiras, tendo sido registrado em quatro episódios. Em um dos episódios, um menino de 5 anos brincava sozinho de conduzir uma balsa, utilizando uma tampa de isopor para representar a balsa e um banco de madeira como rebocador. Jho conduziu em silêncio, por alguns minutos a balsa numa grande área assoalhada de sua casa. Depois convidou sua irmã de 2 anos para acompanhá-lo. A irmã tropeçou e atrapalhou Jho, que desistiu de levá-la e continuou conduzindo a sua balsa. A balsa é um meio de transporte de circulação freqüente no rio Guamá, utilizada principalmente no transporte de carros e madeiras. Jho era uma das crianças que morava na beira do rio, de onde avistava todos os dias, as imensas balsas que chegavam e partiam dos portos de Belém.

O tema construção também esteve presente em três episódios. Observou-se em uma delas a construção de casas e em duas as crianças brincavam de fazer embarcações. Outros temas como aventura, jogos e animais foram registrados com menor freqüência.

O isolamento geográfico dos moradores da Ilha impõe limites para a interação social, e isso reflete também na atividade de brincar. Devido a esse fator, quatro das treze crianças pesquisadas ficavam impossibilitadas de interagir com outras crianças da vizinhança, brincando apenas com seus irmãos. A dificuldade de interação era ainda maior para três crianças, que não possuíam irmãos e brincavam sozinhas, solicitando algumas vezes a participação dos seus familiares adultos, que geralmente argumentavam que não tinham tempo para se dedicar a essa atividade. Seis crian-

ças, além dos irmãos, tinham a possibilidade de interagir com primos e outras crianças da vizinhança.

O Rio Guamá, o Igarapé do Combu, e os terreiros foram os principais espaços utilizados para brincar pelas crianças ribeirinhas do Combu. No rio e no igarapé elas organizavam várias brincadeiras, como brincar de pescar, pegar caranguejo, passear de canoa, jogar bola e nadar. Na beira do rio as crianças brincavam nas embarcações de suas famílias. Nas que já estavam prontas brincavam principalmente de passear e pescar e as que estavam sendo construídas serviam, geralmente, de espaço para brincar de casinha e de pilotar. Os terreiros constituíam palco de brincadeiras, como brincar de casinha, empinar pipa, correr, subir e balançar-se nas árvores, juntar pedaços de madeira. As matas, próximas às residências também eram utilizadas como espaços para brincar de se esconder (esconde-esconde) ou de procurar objetos. As pontes também eram palcos de brincadeiras de correr, empinar pipa e jogar bola. O interior das casas era utilizado com menos freqüência como espaço para as brincadeiras infantis, sendo mais comum entre as crianças que não tinham irmãos ou vizinhos.

Os materiais mais utilizados pelas crianças foram, principalmente, os provenientes da natureza e que podiam ser encontrados com facilidade nos terreiros de suas casas, nas matas, no rio e nos igarapés. Folhas e flores, frutos verdes, principalmente açai, jambo e cacau, a vassoura e a barquinha de açai, terra e água foram os mais usados pelas crianças. Garrafas e gravetos encontrados nos rios e terreiros, tábuas, bancos e mesas também eram incorporados às brincadeiras.

Os instrumentos utilizados pelos pais no extrativismo do açai e na pesca também estiveram presentes nas brincadeiras das crianças da Ilha do Combu. Dentre esses, a rasa e o matapi foram os mais freqüentes.

Das 13 crianças pesquisadas, apenas sete possuíam brinquedos industrializados. Destas, duas tinham um número significativo deles, mas eram impedidas por seus pais de brincarem com eles, servindo apenas como objetos decorativos nas residências.

Embora com menor ênfase, estavam presentes nas brincadeiras das crianças elementos da cultura urbana. Num dos episódios uma menina que fazia o papel de mãe e ia levar seu bebê ao médico, telefonava várias vezes antes para o posto de saúde para saber se estava funcionando, antes de se dirigir até lá. Enquanto isso, uma irmã mais nova da menina, que fazia o papel da irmã mais velha do bebê, cuidava da criança e demonstrava preocupação pela demora do atendimento da ligação no posto de saúde.

A relação das brincadeiras com o contexto da comunidade ribeirinha da Ilha do Combu também se expressa no processo de produção de significados durante as brincadeiras. Como construção, apresentamos a transcrição na íntegra dos diálogos de um episódio de faz de conta e sua análise microgenética.

Duas crianças brincavam com uma rasa (objeto utilizado sem a modificação do significado) para conduzir os frutos, que eram representados na brincadeira por pedras e alguns

³ Matapi é um utensílio confeccionado com talas de miriti e utilizado na pesca do camarão.

caroços, abundantes no terreiro. A menina Ros, 5 anos, foco da observação, fazia o papel do pai e seu irmão, mais novo o do tio, que ajudava o pai na colheita do açaí.

Ros [conversava com o irmão mais novo, Pat de 4 anos]:
... Esse açaí parece que não está bom, acho que ninguém vai querer comprar... Tá muito duro.

Pat: Tá não. Tá gostoso.

Ros: Então, vamos levar lá pro porto pra vender [em seguida, Ros carregou a rasa. Pat correu e segurou de um lado do cesto. As duas crianças se dirigiram até uma pequena tábua, localizada mais adiante no terreiro]. Aqui é Belém. Quem quer comprar açaí? [Dirige-se ao irmão mais novo e diz] Tu és o comprador, vem comprar.

Pat: Tá bom. Me dá um pouco.

Ros: Cadê o dinheiro?

Pat: Não tenho.

Ros: Pega umas folhinhas ali e faz-de-conta que é dinheiro [Pat colheu umas folhas no quintal e deu para Ros, que colocou um pouco de pedra [frutos do açaí] dentro de um copo descartável, encontrado no quintal e deu para Pat].

Nesse episódio, as crianças assumiram personagens que representavam as ocupações mais frequentes dos homens da Ilha (coletor de açaí, ajudante, vendedor). Percebe-se, claramente como as noções generalizadas pelas crianças da colheita e venda de açaí, construídas em suas vivências cotidianas, são importantes na configuração do faz-de-conta.

Outro ponto importante a ser destacado diz respeito ao papel desempenhado pela menina na brincadeira. Demonstrando ter um maior conhecimento das fases de colheita e venda do açaí, ela atuou como mediadora da significação para o irmão mais novo, organizando a brincadeira, definindo os papéis, manejando a inter-relação de personagens e determinando o uso que o irmão devia fazer dos objetos. Provavelmente, esta foi uma situação de aprendizagem para o irmão mais novo.

Ao se opor à irmã dizendo que o açaí estava bom para ser vendido, o irmão mais novo também favoreceu, ativamente, a construção do enredo de compra e venda. Provavelmente não ocorreria esta brincadeira se ele não pudesse complementar as ações da mais velha, atendendo as suas ordens e não seria motivadora, para a criança mais velha, se a menor não pudesse propor cursos de ação alternativos.

Considerações Finais

O contexto sócio-cultural da Ilha do Combu, semioticamente organizado, circunscreve possibilidades e limites para as brincadeiras de faz-de-conta das crianças, com conseqüências importantes para o desenvolvimento das mesmas. Os temas, os parceiros, os locais, os objetos e os significados construídos e transmitidos durante as brincadeiras são todos canalizadores do desenvolvimento de uma identidade ribeirinha.

Predominam nas brincadeiras temas relacionados à vivência cotidiana das crianças, como as atividades domésticas, as profissões dos pais e os meios de transporte típicos da região. É interessante notar que a preocupação em

cuidar da saúde das crianças e as dificuldades de vender o açaí, que são problemas frequentes e relevantes para os adultos, sejam reproduzidos pelas crianças e (re)elaborados em suas brincadeiras de faz de conta.

Os temas relacionados a personagens da ficção ocorrem com menor frequência. Isto pode ser explicado, pelo menos em parte, pela ausência da televisão na maioria das casas das crianças pesquisadas. Também pelo fato de possuírem poucos livros infantis, brinquedos e outros produtos da indústria cultural destinados à infância. Além disso, pelo fato de apenas quatro das 13 crianças ouvirem histórias contadas por seus familiares.

Poder-se-ia esperar que numa cultura, como a amazônica, tão rica em lendas e num contexto que ainda não conta com a televisão, as histórias folclóricas regionais fossem contadas para as crianças e se tornassem temas frequentes de suas brincadeiras. Entretanto, por algum motivo, isto parece não acontecer nesta comunidade, pelo menos considerando-se o relato das crianças que entrevistamos e as nossas observações de suas brincadeiras. É possível que, assim como as brincadeiras tradicionais, as histórias folclóricas estejam sendo esquecidas em algumas comunidades. Os adultos entrevistados nesta pesquisa vivem o desafio de se relacionar com a metrópole. Talvez sintam-se menos inclinados a manter e valorizar seus conhecimentos tradicionais, preferindo escondê-los para não se diferenciarem dos cidadãos. Talvez a religião protestante local, professada por sete das 13 famílias, também exerça sua influência, ao valorizar as histórias bíblicas e considerar demoníacos certos personagens tradicionais do folclore amazônico como o boto, o curupira e a matintaperera. Estas são hipóteses sugeridas pela professora das crianças investigadas, em conversas informais, que pretendemos investigar em futuras pesquisas.

Os resultados do presente estudo coincidem com os de Bichara (1999), que investigou as brincadeiras de faz-de-conta de 60 crianças na faixa etária de 2 a 12 anos, da comunidade indígena Xocó e da comunidade negra Mocambo, duas comunidades da região sertaneja do Estado de Sergipe. A autora também constatou o predomínio dos temas realísticos nas brincadeiras das crianças, inspirados na vida cotidiana daquelas comunidades.

A beira do rio constituiu o principal local das brincadeiras das crianças da Ilha do Combu. Era na beira do rio que elas organizavam a maioria de suas brincadeiras e procuravam os materiais necessários para compô-las.

A presença do rio, como um importante locus das brincadeiras infantis, também foi constatada por Bichara (2003), em um estudo realizado em duas comunidades localizadas às margens do rio São Francisco. Nessas duas comunidades, além do rio constituir-se no principal espaço das brincadeiras, também era citado nas falas das crianças em outras brincadeiras realizadas em outros espaços.

Como observou Vygotsky (1994), as brincadeiras não constituem meras reproduções da realidade circundante, mas implicam a reelaboração dessa realidade na esfera imaginativa. As crianças pré-escolares da Ilha do Combu se apropriam de elementos do mundo adulto, trazendo-os

para o seu universo infantil e atribuindo a eles novos significados. Atuam, desta forma, como co-construtores da cultura de seu grupo social. Apesar de estarem constantemente em contato com o mundo urbano, mostram-se vinculadas, principalmente, ao contexto ribeirinho, expressando os modos de vida próprios deste contexto social específico. Elas partilham e recriam significados de sua cultura coletiva, desenvolvendo-se, por esta via, como ribeirinhos amazônidas.

As brincadeiras infantis, especialmente, as de faz-de-conta são espaços de mediação e interlocução cultural importantes para as crianças pré-escolares, além de possibilitarem a criação e manutenção de vínculos afetivos. Por este motivo, tem sido recomendado aos educadores infantis que criem condições para que as crianças brinquem na escola (Ministério da Educação e do Desporto, 1998, p. 27-29). O fato de algumas crianças da Ilha do Combu enfrentarem dificuldade para encontrar parceiros para brincar, ressalta a importância da escola da Ilha como lócus propulsor dessa interação entre as crianças, tão necessária ao seu desenvolvimento. O presente estudo constitui a primeira etapa de um projeto, que pretende investigar o processo de construção de significados nas brincadeiras de faz-de-conta na classe de educação infantil da escola da Ilha do Combu, para identificar os significados partilhados e verificar como eles se tornam constitutivos das subjetividades infantis.

Referências

- Bichara, I. D. (1999). Brincadeira e cultura: O faz-de-conta das crianças Xocó e do Mocambo (Porto da Folha/SE). *Temas em Psicologia*, 7(1), 57-63.
- Bichara, I. D. (2003). Nas águas do Velho Chico. In A. M. A. Carvalho, C. M. C. Magalhães, F. A. R. Pontes, & I. D. Bichara (Eds.), *Brincadeira e cultura: Viajando pelo Brasil que brinca: Vol. 1* (pp. 89-107). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Brougère, G. (2000). *Brinquedo e cultura*. São Paulo, SP: Cortez.
- Carvalho, A. M. A., & Pedrosa, M. I. (2002). Cultura no grupo de brinquedo. *Estudos de Psicologia* (Natal), 7(1), 181-188.
- Carvalho, A. M. A., & Pontes, F. A. R. (2003). Brincadeira é cultura. In A. M. A. Carvalho, C. M. C. Magalhães, F. A. R. Pontes, & I. D. Bichara (Eds.), *Brincadeira e cultura: Viajando pelo Brasil que brinca: Vol. 1* (pp. 15-30). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Carvalho, A. M. A., & Rubiano, M. R. B. (2004). Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças. In M. C. Rosseti-Ferreira, K. Z. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho (Eds.), *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (pp. 171-187). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Coelho, M. T. F., & Pedrosa, M. I. (1995). Faz-de-conta: Construção e compartilhamento de significados. In Z. M. R. Oliveira (Ed.), *A criança em desenvolvimento* (pp. 51-63). São Paulo, SP: Cortez.
- Conti, L., & Sperb, T. M. (2001). O brinquedo de pré-escolares: Um espaço de ressignificação cultural [Eletronic version]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(1), 59-67. Retrieved September, 09, 2006, from <http://www.scielo.br/scielo.php?>
- Corsaro, W. (1997). *The Sociology of childhood*. Los Angeles: Pine Forge Press.
- Dahlberg, G., Moss, P., & Pence, A. (2003). *Qualidade na educação da primeira infância: Perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Freire, J. C. S. (2002). *Juventude ribeirinha: Identidade e cultura*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- Góes, M. C. R. (2000a). A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vygotski e Pierre Janet [Special issue]. *Educação e Sociedade* (Campinas), 71, 116-131.
- Góes, M. C. R. (2000b, julho). A linguagem e a imaginação no brincar de faz-de-conta. In *III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas. Retrieved from www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1110.doc
- Góes, M. C. R. (2000c). O jogo imaginário na infância: A linguagem e a criação de personagens. In *Anais da 23ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu, MG: ANPED. Retrieved from <http://www.anped.org.br/23/textos/0713t.PDF>
- Góes, M. C. R. (2002). *O brincar de crianças surdas: Examinando a linguagem no jogo imaginário*. Retrieved from <http://www.educacaoonline.pro.br>
- Gosso, Y., & Otta E. (2003). Em uma aldeia Pakanã. In A. M. A. Carvalho, C. M. C. Magalhães, F. A. R. Pontes, & I. D. Bichara (Eds.), *Brincadeira e cultura: Viajando pelo Brasil que brinca. Vol. 1* (pp. 33-76). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Harris, A. G. (2000). *Life on the Amazon. The anthropology of a Brazilian peasant village*. Oxford, UK: University Press.
- James, A., & Prout, A. (1997). *Constructing and reconstructing childhood*. London: Falmer Press.
- Loureiro, J. J. P. (2000). *Cultura amazônica: Uma poética do imaginário*. São Paulo, SP: Escrituras.
- Ministério da Educação e do Desporto. (1998). *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Vol. 1*. Brasília, DF: Autor.
- Moraes, M. L. S., & Carvalho, A. M. A. (1994). Faz-de-conta: Temas, papéis e regras na brincadeira de crianças de quatro anos. *Boletim de Psicologia* (São Paulo), 44(100/101), 21-30.
- Moss, P. (2002). Reconciliando a infância: Crianças, instituições e profissionais. In M. L. A. Machado (Ed.), *Encontros e desencontros em Educação Infantil* (pp. 235-248). São Paulo, SP: Cortez.
- Oliveira, Z. M. R. (1988). *Jogo de papéis: Uma perspectiva para análise do desenvolvimento humano*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade de São Paulo, SP.
- Pontes, F. A. R., & Magalhães, C. M. C. (2003). A transmissão da cultura da brincadeira: Algumas possibilidades de investigação [Eletronic version]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 117-124. Retrieved from <http://www.scielo.br/scielo.php>
- Prefeitura Municipal de Belém. (2000). *Anuário Estatístico de Belém: Aspectos físicos e territoriais*. Belém, PA: Autor.
- Prefeitura Municipal de Belém. (2001). *Projeto Família Saudável*. Belém, PA: Autor.
- Rocha, M. S. P. M. L. (1994). *A constituição social do brincar: Modos de abordagem do real e do imaginário no trabalho pedagógico*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas, SP.
- Rocha, M. S. P. M. L. (1997). O real e o imaginário no faz-de-conta: Questões sobre o brincar no contexto da pré-escola. In M. C. R. Góes & A. L. B. Smolka (Eds.), *A significação nos espaços educacionais* (pp. 63-86). Campinas, SP: Papyrus.
- Rocha, M. S. P. M. L. (2000). *Não brinco mais: A (des)construção do brincar no cotidiano educacional*. Ijuí, RS: Editora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

- Rogez, H. (2000). *Açaí: Preparo, composição e melhoramento da conservação*. Belém, PA: Editora da Universidade Federal do Pará.
- Rogoff, B. (1993). El contexto cultural de la actividad cognitiva. In B. Rogoff, *Aprendices del pensamiento: el desarrollo cognitivo en el contexto social* (pp. 71-93). Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. Z., & Silva, A. P. S. (2004). Rede de significações: Alguns conceitos básicos. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. Z. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho (Eds.), *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (pp. 23-33). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Silva, L. S., & Nunes, A. (2002). Contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da criança. In A. L. Silva & A. V. L. S. Macedo (Eds.), *Crianças indígenas: Ensaios antropológicos* (pp. 11-33). São Paulo, SP: Global.
- Valsiner, J. (1997). *Culture and the development of children's action: A theory of human development*. New York: John Wiley & Sons.
- Valsiner, J. (2000). *Culture and human development*. London: Sage.
- Vygotsky, L. S. (1994). *A formação social da mente* (5. ed., J. Cipolla Neto, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

1ª revisão: 10/04/2007
2ª revisão: 01/10/2007
3ª revisão: 06/12/2007
Aceite final: 14/12/2007